

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Waczesław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

* * *

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowski: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeyre: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Anna Wolny
Uniwersytet Jagielloński

Passando pelas portas entreabertas
– Jorge Barbosa: *Carta para Manuel Bandeira*

*Talvez me conhecerá
se ouvir a mensagem da minha simpatia
nesta telegrafia silenciosa
do meu coração alvoroçado.*

Jorge Barbosa: *Carta para o Brasil*

Resumo:

O artigo apresenta uma análise e uma interpretação do poema de Jorge Barbosa intitulado “Carta para Manuel Bandeira” à luz da teoria pós-colonial. Após uma breve introdução explicando as proximidades entre os dois autores e os seus espaços, são levantadas as questões da ordem intertextual, visando a expor os motivos que levaram o autor cabo-verdiano a escrever uma carta poética ao autor brasileiro.

Palavras-chave: Barbosa, Bandeira, poesia, Cabo Verde, pós-colonialismo.

Abstract:

Passing through half-open doors – Jorge Barbosa: *Carta para Manuel Bandeira*

The paper presents an analysis and interpretation of a poem “Carta para Manuel Bandeira” written by Jorge Barbosa, in the light of the post-colonial

theory. After a short introduction explaining the proximity between those two authors and their spaces, some questions about the intertextuality are raised in order to show reasons which led the Cape Verdean author to write a poetic letter to the Brazilian author.

Keywords: Barbosa, Bandeira, poetry, Cape Verde, post-colonialism.

O objetivo do seguinte artigo é apresentar uma possível interpretação de um poema de Jorge Barbosa (1902-1971), autor caboverdiano, em que se faz uma referência ao escritor brasileiro Manuel Bandeira (1886-1968). Sendo uma tarefa que passa principalmente pela identificação dos elementos que esses dois poetas, aparentemente distantes, partilham, a análise precisa ser precedida por uma breve introdução ao panorama das relações literárias entre Cabo Verde e o Brasil.

Tanto a literatura caboverdiana como a brasileira pertencem ambas ao que se pode chamar a literatura da língua portuguesa. As duas, pela sua formação e as condições de surgimento, podem ser lidas do ponto de vista pós-colonial. É importante sublinhar que o pós-colonialismo nunca teve a intenção de sugerir que a colonização é um processo concluído – pelo contrário, insiste em explicar a persistência dos seus efeitos, representações dificilmente reconfiguráveis e influências globais. Como afirma Stuart Hall (Hall, 2003: 56), “Problemas de dependência, subdesenvolvimento e marginalização, típicos do ‘alto’ período colonial, persistem no pós-colonial”. O termo pós-colonial também não é mais utilizado no sentido de um marco histórico, “mas antes um conceito analítico que reenvia às literaturas que nasceram num contexto marcado pela colonização europeia” (Leite, 2003: 11).

E mais, a crítica pós-colonial vai muito além de focalizar apenas os textos com o intuito explicitamente oposicionista, característicos para a primeira etapa da criação literária dos países anteriormente subjugados a uma dominação colonial. Segundo Salvato Trigo, a literatura pós-colonial começa a ser produzida apenas a partir do segundo momento, em que se ouvem as primeiras vozes dos escritores nativos. “A busca da identidade nacional é, sem dúvida, uma marca distinti-

va entre a literatura puramente colonial e a literatura dita nacional” (Trigo, 1986: 134). Citando ainda as palavras de Boaventura Sousa Santos trata-se de “um conjunto de práticas (predominantemente performativas) e de discursos que desconstróem a narrativa colonial, escrita pelo colonizador, e procuram substituí-la por narrativas escritas do ponto de vista do colonizado” (Santos, 2001: 30).

No caso das literaturas africanas de expressão portuguesa, é importante o fato de pertencerem (junto com a literatura brasileira e portuguesa) a um mesmo sistema linguístico, mas a diferentes sistemas culturais. Isso facilita as trocas que se tornam um fenômeno constante a partir do modernismo.

Como afirma, entre outros autores, Manuel Ferreira (Ferreira, 1989: 185), a literatura brasileira teve contribuição tanto no nascimento e no desenvolvimento do neo-realismo em Portugal como noutras ex-colônias portuguesas africanas, como Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde. O modernismo, sendo “o movimento que conduz à emancipação literária do Brasil e das colônias de África faz uma dupla travessia atlântica” (Trigo, 1986: 28). Anteriormente, qualquer tipo de ideologia ou estética ia da Europa para o Brasil e dali para a África (sendo Cabo Verde um caso especial, com casos de influências europeias diretas). Citando Trigo (Trigo, 1986: 19).

A África estava muito mais receptiva à corrente brasileira, por um lado, pelas fortes relações de intercâmbio comercial e demográfico (...). Por outro lado, essa receptividade explicava-se pela proximidade cultural (...) e aumentava em função da voz do sangue escravo que corria nas veias de africanos e de brasileiros.

Concordamos com Manuel Ferreira quando afirma que “A intertextualidade é omnipresente. Não há enunciado que não seja o produto da intercepção textual” (Ferreira, 1989, p. 185). Indubitavelmente, a literatura caboverdiana tem muitos pontos em comum com a literatura brasileira modernista. A questão de influências e configurações de poder sempre vão suscitar muitas dúvidas e protestos. O que não se pode negar, é a existência do discurso brasileiro no discurso africano, com o maior destaque no caboverdiano. O diálogo entre os escritores caboverdianos e brasileiros é um caso interessante da intertextualidade

em que os agentes criam uma nova relação a partir de relações impostas que, progressivamente, perdem a sua supremacia. As vozes silenciadas entram em contato frutífero, que abre uma nova etapa na criação literária, pois a especificidade da qualquer literatura é a diferença que ela possui em relação ao Outro, isto é, a maneira de ela se relacionar com as demais literaturas em contato.

Como explicar essa força de convicção da literatura brasileira? A recorrência ao modelo estrangeiro é um fenômeno comum na literatura. A hegemonia colonial exercida durante séculos por Portugal sobre os povos africanos desencorajou a busca de padrões e exemplos na literatura lusitana. “O Brasil e a sua cultura, como exemplo e modelo, ajudando a nobilitar a sua prática literária ajudá-los-á a sair da inferiorização a que a cultura oficial portuguesa, num contexto colonial, os condena” (Portugal, 1997: 95). Ao mesmo tempo, o sentimento de fraternidade, tanto linguística, como histórica e social, com o Brasil, também o produto de expansão colonial portuguesa, fez com que os intelectuais africanos se voltassem na direção da costa brasileira.

Dentre várias obras e autores, aqueles que mais se destacam nesse diálogo atlântico, são os autores caboverdianos. “De fato, dos países africanos que estiveram colonialmente subjugados a Portugal, Cabo Verde é, étnica e culturalmente, o que mais se assemelha ao Brasil” (Paula, 2005: 26). A força catalizadora presente na nova poesia modernista chegou ao arquipélago relativamente cedo graças a José Osório de Oliveira, amigo de Ribeiro Couto e autor de uma antologia de *Literatura Brasileira* (1926), um dos colaboradores da revista literária *Claridade*.

Vários foram os artistas que conseguiram suscitar a admiração e a inspiração através do Atlântico. Entre eles, Manuel Bandeira, aquele que muitos estudiosos mostram como a figura modernista brasileira mais presente na África. Com certeza, Bandeira entrou no imaginário de Barbosa, tanto no nível do projeto artístico, como no nível de referências explícitas. Acabou deixando um rastro de algo que ao mesmo tempo preenche e ultrapassa os dois poetas, uma impalpável herança em comum.

E podemos comprovar essa observação em muitos dos poemas de Barbosa, como nomeadamente em “Carta para Manuel Bandeira”

(publicado em 1956 no livro *Caderno de um ilhéu*), que já pelo título insiste num relacionamento especial, chegando a ser íntimo, entre os dois escritores. Não é por acaso que se trata de uma carta, um meio oscilando na fronteira entre o texto literário e não-literário. Já esse detalhe permite-nos reconhecer a estilística modernista brasileira, que privilegiava o uso de discursos anteriormente situados fora do campo poético. E um dos poetas que frequentemente utilizaram essa técnica foi Manuel Bandeira, o seu destinatário.

A carta possibilita a comunicação, a troca de informações, entre duas entidades que não se podem comunicar diretamente. Segundo as convenções mais comuns, o autor da carta dirige-se a uma pessoa, compartilhando com ela os seus sentimentos e estabelecendo uma conexão que caracteriza um diálogo. A carta transita entre dois tempos e dois espaços – o do sujeito e o do destinatário, refletindo a relação entre o escritor e o leitor, que nunca se encontram mas que entrecruzam os seus tempos e os seus espaços. Como afirma Lopes: “Todos os textos literários se constituem como cartas para nada (o que não significa que sejam para o vazio). Por isso, não têm destinatores nem destinatários” (Lopes, 1999: 150).

Tendo isso em conta, o primeiro desafio na análise do poema de Jorge Barbosa é tentar identificar o sujeito lírico e o seu destinatário. Vejamos o texto:

Carta para Manuel Bandeira
Nunca li nenhum dos teus livros.
Já li apenas
a Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus.
Nem te conheço
porque a distância é imensa
e os planos das minhas viagens nunca passaram
de sonhos e de versos.
Nem te conheço
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.
E a impressão do teu olhar vagamente triste
fez-me pensar nessa tristeza
do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça.

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,
tu me preocupas, Manuel Bandeira,
meu irmão atlântico.
Eu faria por ti qualquer coisa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.
E eu ta levaria
pura ou degradada até à última baixeza.
Bateria de manso
à porta dos apartamentos do poeta solitário
ali na Avenida Beira Mar do Rio de Janeiro.
Terias qualquer pressentimento
porque se fosses pôr a vitrola a funcionar
riscarias o disco,
se estivesse a escrever na máquina portátil
deixarias o poema no meio.
E virias abrir-me a porta.
Então
sem qualquer palavra
passar-te-ia a Estrela da Manhã.
Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha
no outro lado do Atlântico.
E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos
sem orgulho
que eu descobriria naquele instante
através da porta entreaberta. (Barbosa, 2002: 131-132)

Tanto o sujeito poético como o destinatário são revelados logo no primeiro verso: “Nunca li nenhum dos teus livros”. A segunda pessoa do singular exprimida pelo pronome pessoal “tu”, pelos repetidos pronomes possessivos “teu, teus” e pelos verbos “eras”, “preocupas”, “terias”, etc. possui uma clara referência ao poeta mencionado no título. O poema é perpassado pela sua presença: nos livros, nas imagens (de um “retrato numa revista ilustrada”), nas alusões à biografia do poeta brasileiro (“o tempo em que eras moço num sanatório da Suíça”). Inclusive, o poema cita o penúltimo verso de um poema

de Bandeira: “pura ou degradada até à última baixa”. Assim, o poema chega a ser uma homenagem ao poeta, diríamos – uma carta de um admirador apaixonado pela obra. Um admirador que, por sua vez, pode ser identificado como o próprio autor do poema – Jorge Barbosa. Além de poeta, Barbosa revela-se um leitor. Os argumentos que nos levam a crer nessa hipótese é uma alusão ao relacionamento entre o sujeito e o destinatário: “meu irmão atlântico” e o posicionamento geográfico confessado: “a minha ilha no outro lado do Atlântico”. O terceiro baseia-se no tom do poema: desde o início marcado pela intimidade, pela proximidade espiritual, pelas saudades. Inspiração fácil de ser entendida ao conhecer a proximidade dos escritores modernistas brasileiros e caboverdianos.

Porém, não se pode esquecer que tanto o sujeito lírico como o destinatário do poema são criações artísticas, neste caso – ficionalizações de duas figuras empíricas da história literária. Num movimento de migração para o texto literário, o poeta apropria-se dessas figuras utilizando algumas características da experiência empírica. Assim, o leitor é levado a identificar Manuel Bandeira do poema com a personagem empírica; mas o fato de os dois se sobreporem até serem fundidos numa entidade é apenas um jogo poético de Jorge Barbosa. Jorge Barbosa por sua vez toma emprestados alguns elementos da sua experiência empírica para entrar no mundo criado por ele no poema. Apenas no nível ficionalizado o sujeito lírico é capaz de sentir a empatia com o seu destinatário até ao ponto de conhecer “essa tristeza” que foi vivenciada por Bandeira.

O sujeito lírico não só se mostra conhecedor da poesia de Bandeira (apesar da primeira afirmação quase desafiadora – “Nunca li nenhum dos teus livros”), como também se oferece para realizar uma tarefa por ele proposta: procurar a “Estrela da Manhã”. Para entender a importância dessa proposta, é necessário recorrer ao poema de Bandeira intitulado “Estrela da Manhã”:

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã

Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda parte
Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa?
Eu quero a estrela da manhã
Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário
Virgem mal-sexuada
Atribuladora dos aflitos
Girafa de duas cabeças
Pecai por todos pecai com todos
Pecai com os malandros
Pecai com os sargentos
Pecai com os fuzileiros navais
Pecai de todas as maneiras
Com os gregos e com os troianos
Com o padre e com o sacristão
Com o leproso de Pouso Alto
Depois comigo

Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas comerei terra e direi
coisas de uma ternura tão simples

Que tu desfalecerás
Procurem por toda parte
Pura ou degradada até à última baixeza
Eu quero a estrela da manhã. (Bandeira, 1955: 225)

No poema de Manuel Bandeira lemos um desesperado pedido que, aparentemente, não é atendido. O sujeito afirma ser dependente de um objecto, talvez pessoa, que perdeu e que apresenta para ele um grande valor, independentemente do seu destino posterior (“Pecai por todos pecai com todos”). A perda é degradante e humilhante: fá-lo rebaixar-se e leva à perda da dignidade, da sua condição anterior (“Que me importa?”). Chega a pedir ajuda aos seus inimigos, torna-se

obcecado a ponto de reduzir o seu raciocínio a um refrão quase infantil: “eu quero”. Faz promessas impossíveis de cumprir na ausência da “estrela”: “direi coisas de uma ternura tão simples que tu desfalecerás”. Promete falar “com ternura”, anunciando que não vai sentir nem raiva nem ressentimento no caso de uma provável volta. Jorge Barbosa resgata essa última declaração escrevendo no seu poema sobre “o sorriso sem ressentimentos/ sem orgulho” que espera encontrar no rosto do poeta num momento da epifania¹ partilhada pelos dois ao se encontrarem.

Ferreira resume: “Da parte de Manuel Bandeira o tom apelativo, notoriamente ansioso; da parte de Jorge Barbosa a imediata, fraterna resposta” (Ferreira, 1989: 163). Uma resposta, com a qual, com certeza, Barbosa se coloca no círculo de amigos a quem o sujeito lírico pede ajuda. Essa amizade de dois desconhecidos pode ter como uma motivação possível o fato de os dois serem poetas (essa linha de interpretação será desenvolvida adiante). O que é que mais pode levar a essa ajuda voluntária e altruísta? Tanto no poema, como na realidade, os dois poetas nunca chegaram a se conhecer pessoalmente. O sujeito lírico do poema de Barbosa confessa uma ignorância até da obra poética de Bandeira: “Nunca li nenhum dos teus livros/ Já li apenas/ A Estrela da Manhã e alguns outros poemas teus.” Não faz parte daquele outro mundo distante, do “outro lado do mesmo mar”, atravessado apenas pelas notícias de revistas ilustradas e escassos livros de poesia. O vínculo que sente com o poeta brasileiro dá-se apenas por meios indiretos, que são todos em certo grau criações ou re-criações – fotografias, revistas, poemas etc.. Mas mesmo assim, sente-se convocado, exprime uma sensação de estar sendo chamado por um autor com o qual descobre laços de genuína fraternidade. Serão esses laços ou talvez o fato de estarem os dois vivendo com o mesmo objetivo? Mostra-se emotivo, mergulha no passado do seu

¹ Epifania – termo usado na filosofia e na literatura, com o significado de um brusco momento de realização ou compreensão de algum significado ou da essência do objeto. Pode também anunciar uma manifestação ou aparição divina. Na literatura definido e frequentemente usado por James Joyce (Richards, s.d.).

“irmão” e até entende a tristeza dele jovem, num ato de empatia total. Torna-se preocupado e declara que “faria por (ele) qualquer coisa impossível”.

Empenha-se num desafio aparentemente impossível de ser realizado, exprimindo assim um alto grau de confiança e lealdade. Primeiro, porque, diz o poeta, “os planos das minhas viagens nunca passaram/ de sonhos e versos” e segundo, porque ninguém pode encontrar a “estrela da manhã” perdida. Segundo Ferreira, procurar pela “estrela da manhã” pode significar no poema de Manuel Bandeira, ir em busca da “anunciadora do nascimento perpétuo do dia, simbolizando o início da vida” (Ferreira, 1989: 163), quer dizer – procurar o que tem a natureza repetitiva, instável e fugaz e que sempre vai desaparecer para poder se manifestar de novo. Como por exemplo a poesia, que reproduz os ciclos da natureza, numa evolução constante repleta de reparações dos mesmos motivos e sensações que não se tornam monótonas e idênticas graças a cada retomada poética em que ganham uma nova existência. Os dois poetas procuram “a estrela” perdida – uma poesia viva, uma poesia possível de exprimir mais do que dela se esperava. Uma poesia que podia se erguer do chão do cotidiano, anunciando a legitimidade de uma nova consciência do povo. No momento de ela aparecer, será possível falar de novo com “ternura”. A poesia que envolve tudo, desde a pureza até a maior baixeza, é o que estão procurando nas suas terras os dois poetas. Não é por acaso que Jorge Barbosa se interessou pela criação de Manuel Bandeira. Não é apenas a língua que os une, mas mais ainda o esforço de encontrar a fonte da alma dos seus povos, pela qual ela podia exprimir-se livremente.

O sujeito lírico de Barbosa imagina ter atingido o seu objetivo- encontrar a estrela perdida e devolvê-la ao proprietário. Andou “por todos os cabarés/ por todos os prostíbulos”, pelos lugares que ninguém escolheria para encontrar algo valioso. Escolheu uma postura dificilmente esperada de um criador, de um poeta com vocação para elogiar os valores supremos. Escolheu a postura de um “poeta menor”, que Bandeira prezava na sua poesia como a única que permite um verdadeiro contato com a arte. A figura do poeta na obra de Ban-

deira pode ser comparada a um mineiro que desentranha a poesia do chão do cotidiano. E não apenas do cotidiano banal e comum, como também daqueles seus aspectos que normalmente estão vergonhosamente cobertos – as casas de prostituição, as prisões, os hospitais para os irremediavelmente doentes. O sucesso está numa observação atenta do mundo que não se pode julgar segundo antigos critérios estéticos. Também porque foram esses mesmos critérios que oprimiam, ou pelo menos silenciavam, a voz da poesia autêntica por tanto tempo.

O sujeito lírico, ele também, aceita rebaixar-se para poder encontrar o que procura e essa postura humilde garante o seu êxito. E assim torna-se um poeta, capaz de descobrir o lirismo escondido ou até perdido. Voltando à proposta modernista, o poeta procura as fontes da inspiração literária da nova arte “por todas partes”, também aquelas que antes eram consideradas indignas e rejeitadas da memória, ignoradas no processo de criação artística. Barbosa concorda com a necessidade de se manter atento a todas as manifestações da vida, a todas as formas que ela toma e por isso se julga capaz de empreender a tarefa proposta por Bandeira. Pois o poema desse último é também um manifesto em que o sujeito lírico convoca todos a procurarem pela poesia. Não são apenas os poucos predestinados que possuem acesso a uma sensibilidade poética e à capacidade de se juntarem às vozes da nova poesia.

Finalmente, sendo o principal obstáculo ultrapassado, o encontro que era impossível acontece. Ou melhor – aconteceria, se fosse possível apenas graças à imaginação poética. O poeta caboverdiano dá a entender desse modo que compreendeu o apelo do poeta brasileiro e que concorda com ele. O uso do condicional presente a partir do verso “Bateria de manso” aponta a imaginação da viagem atlântica desejada, porém impossível. O sujeito lírico transfere-se imaginativamente à realidade em que vive o seu destinatário, viaja do lugar em que esteve, do “aqui” ao sonhado “ali”, de um espaço seu ao espaço que quer partilhar com o segundo poeta. A sua vinda oscila entre um sonho e uma aparição fantástica – perturba a ordem natural das coisas, deixa o disco riscado e o poema inacabado. Outra vez, o sujeito lírico tem acesso aos sentimentos e emoções do seu destinatário.

Tudo isso são sinais da emoção que o sujeito lírico espera encontrar como resposta para a sua chegada. E não deseja nenhuma outra forma de gratidão nem reconhecimento – “sem qualquer palavra/ passar-te-ia a Estrela da Manhã”. A porta, o símbolo de uma distância impossível de diminuir, de um isolamento que só se pode vencer nas viagens de sonhos e versos, torna-se “entreaberta”, e é nessa fresta estreita que se dá a epifania.

Uma epifania que, além de “saudades” não traz nada, não possibilita nenhum contato futuro mais aprofundado mas aponta um caminho para atingir a transcendência. Os poetas transcendem pela sua obra, vivendo, graças à poesia, uma “viagem em versos”. Citando Elsa Rodrigues dos Santos: “a viagem para o agente poético não passa de um estado onírico. O poeta permanece no espaço, viajante imóvel” (Santos, 1989: 81). Mas a sua carta chegou.

Bibliografia

- BANDEIRA, Manuel, (1955), *Poesias*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora.
- BARBOSA, Jorge, (2002), *Obra Poética*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- FERREIRA, Manuel, (1989), *O discurso no percurso africano I. Contribuição para uma estética africana*, Lisboa, Plátano Editora, D. L.
- HALL, Stuart, (2003), *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- LEITE, Ana Mafalda, (2003), *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*, Lisboa, Edições Colibri.
- LOPES, Silvina Rodrigues, (1999), “A experiência do desaparecimento”, em: Silviana Rodrigues Lopes, *Correspondências I*, Lisboa, Edições Colibri.
- PAULA, Júlio César Machado de, (2005), *Manuel Bandeira e Claridade: confluências literárias entre o Modernismo brasileiro e o caboverdiano*, Dissertação (Mestrado) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PORTUGAL, Francisco Salinas, (1997), “O Brasil na construção do imaginário (literário) caboverdiano”, em: Francisco Salinas Portugal, *O texto*

nas margens – ensaios de literatura em língua portuguesa, Santiago de Compostela, Latiovento.

RICHARDS, Bernard, (s.d.), “Joyce’s epiphany”, em: <http://www.mrbould.com/epiphany.html> (30.01.2011).

SANTOS, Elsa Rodrigues dos, (1989), *As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana*, Lisboa, Caminho Lisboa.

SANTOS, de Sousa Boaventura, (2001), “Entre Prospero e Caliban: Colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”, em: Maria Irene Ramalho, António Sousa Ribeiro, *Entre ser e estar: raízes, percursos e discursos da identidade*, Porto, Edições Afrontamento, pp. 23-46.

TRIGO, Salvato, (1986), *Ensaios de literatura comparada: afro-luso-brasileira*, Lisboa, Veja.